

CAPÍTULO NOVE

A Morte e a Jornada Entre Vidas

Além do Limiar

Falamos do Véu do Esquecimento¹—aquela cortina de esquecimento que separa a mente consciente de seu conhecimento mais profundo. Este véu opera ao longo de sua encarnação, moldando cada experiência, cada escolha. Mas o que acontece quando a encarnação termina? O que ocorre quando o corpo físico não pode mais sustentar a consciência que o animou?

A morte não é o que a maioria dos seus povos imagina. Não é nem um fim nem um começo no sentido absoluto. É uma transição—uma travessia de um modo de existência para outro. A consciência que você é não cessa. Não pode cessar, pois a consciência é a realidade fundamental da qual tudo mais surge. O que cessa é o veículo particular, o corpo de raio amarelo, através do qual você tem experimentado esta densidade.

Compreender o que segue a morte pode parecer abstrato, talvez até irrelevante para as preocupações da vida diária. No entanto, essa compreensão tem profundo valor prático. Quando você sabe o que espera, pode viver de forma diferente. O medo que cerca a morte perde muito de seu poder. As escolhas que você faz aqui, na aparente escuridão do esquecimento, revelam seu verdadeiro significado. A encarnação se torna o que foi projetada para ser: não uma sentença de prisão a ser suportada, mas uma preciosa oportunidade a ser utilizada.

Oferecemos estes ensinamentos não como doutrina a ser acreditada, mas como um mapa a ser considerado. Cada entidade verificará ou refinará esta compreensão através da experiência direta quando chegar o momento. Por agora, exploremos o que aguarda além do limiar que toda entidade encarnada eventualmente deve cruzar.

. . .

O Momento da Transição

Quando o corpo físico não pode mais sustentar a vida, algo notável ocorre. Não há ruptura na consciência—nenhum vazio, nenhuma lacuna, nenhuma cessação de percepção. A entidade simplesmente muda de um veículo para outro. O corpo de raio amarelo, que esteve ativo durante toda a encarnação, retorna à potenciação. Em seu lugar, o corpo de raio índigo se ativa.

Este corpo índigo às vezes é chamado de Corpo Formador² ou corpo etérico. É o primeiro corpo a se ativar após o que você chama de morte. Diferente do denso veículo físico que você agora habita, este corpo é composto do que poderia ser chamado de energia inteligente em microcosmo. É, em um sentido muito real, um análogo do próprio Logos—capaz de moldar a forma de acordo com a consciência, de moldar-se como a entidade deseja.

A própria transição é frequentemente experimentada como movimento em direção à luz. Muitos dos seus povos que se aproximaram da morte e retornaram descrevem este fenômeno. Falam de túneis de luz, de calor e boas-vindas, de serem atraídos para algo inefavelmente belo. Essas experiências, embora filtradas através das expectativas e crenças do indivíduo, refletem uma genuína realidade metafísica. A entidade está de fato se movendo—não através do espaço físico, mas através de configurações de consciência—em direção ao seu próximo modo de ser.

Ao perceber seu estado, a entidade retorna a este corpo formador índigo e descansa nele. Esta percepção pode vir imediatamente ou pode levar o que parece ser tempo, dependendo da preparação e consciência da entidade. Algumas entidades fazem a transição suavemente, reconhecendo a mudança pelo que é. Outras requerem um período de ajuste, gradualmente compreendendo que a vida física terminou.

. . .

Quando a Transição É Incompleta

Nem todas as entidades completam esta transição suavemente. Em alguns casos, a vontade permanece tão focada na experiência física que a entidade não consegue liberar completamente seu apego à existência de raio amarelo. Isso cria o que você poderia chamar de espírito preso à terra—uma consciência que permanece entre modos de ser, incapaz de mover-se completamente para os planos metafísicos.

Isso ocorre não como punição, mas como consequência. A vontade é algo poderoso. Quando uma entidade concentrou todo seu foco em algum aspecto da experiência física—sejam posses, relacionamentos, tarefas incompletas ou estados emocionais intensos—essa concentração pode persistir além da morte do corpo. A casca de raio amarelo da entidade, embora não mais ativada, não pode ser completamente desativada enquanto a vontade permanecer ligada a preocupações físicas.

Considere o soldado que morre repentinamente em batalha, consciência ainda engajada no combate. Considere o avaro cuja identidade inteira se enredou com a riqueza acumulada. Considere o amante que não consegue liberar o objeto do apego obsessivo. Em cada caso, a vontade cria uma espécie de âncora, mantendo a entidade em um estado intermediário até que possa encontrar liberação.

Esta condição é temporária. Eventualmente, todas as entidades encontram seu caminho adiante. A vontade não pode permanecer focada indefinidamente naquilo que não mais existe. Auxiliares nos planos metafísicos trabalham com tais entidades, oferecendo o amor e a luz necessários para a liberação. No entanto, o processo pode levar tempo considerável, medido em seus termos. Esta é uma razão pela qual o apego—a coisas, a resultados, a formas específicas—é abordado em tantas de suas tradições de sabedoria. O apego prende, e a prisão persiste além da morte.

Para os vivos, esta compreensão oferece orientação. A prática de liberar o apego não é meramente exercício filosófico. É preparação para a transição. A entidade que aprendeu a segurar as coisas levemente, a amar sem agarrar, a engajar-se plenamente enquanto permanece interiormente livre—esta entidade fará a transição suavemente quando chegar o momento.

Os Sete Corpos

Para compreender o que segue a morte, deve-se compreender a natureza da encarnação em si. Você não é simplesmente um corpo físico com um espírito anexado. Você é um complexo de sete corpos, cada um correspondendo a uma das sete Densidades³ de consciência, cada um oferecendo um veículo para experiência em seu respectivo nível.

O corpo de raio vermelho é o mais básico—o material não construído, os elementos químicos dos quais a forma física é construída. Não tem organização, nenhuma vida própria. O corpo de raio laranja é a forma física que se desenvolve no útero antes do espírito entrar—matéria organizada, capaz de função biológica, mas ainda não habitada pela consciência individuada. O corpo de raio amarelo é seu veículo atual, a forma física integrada com mente e espírito que você experiencia como você mesmo.

Além destes estão os corpos mais sutis. O corpo de raio verde está empacotado mais densamente com força vital. É mais leve que o físico, às vezes chamado de corpo astral. Aqueles que desenvolvem sensibilidade suficiente podem percebê-lo como ectoplasma ou como uma aura de energia vital. O corpo de raio azul é mais leve ainda—um corpo de luz pura, às vezes chamado de corpo devachânico, explorado por adeptos de várias tradições que mapearam seus territórios. O corpo de raio índigo, como discutimos, é o formador, o corpo-portal, o análogo da própria energia inteligente.

Finalmente, há o corpo de raio violeta—o corpo completo, às vezes chamado de corpo de Buda. Este representa a totalidade do ser, a soma de tudo o que a entidade se tornou. Durante a colheita, é este corpo que se manifesta para determinar a graduação da entidade.

Todos os sete corpos existem dentro de você agora, embora apenas o corpo de raio amarelo esteja totalmente ativo. Os outros permanecem em potenciação, disponíveis mas não engajados. Após a morte, diferentes corpos se ativam de acordo com o desenvolvimento e necessidades da entidade. Para a maioria das entidades, o corpo índigo permanece ativo durante o período de revisão e cura, com o corpo de raio de cor apropriado eventualmente se ativando baseado no nível de desenvolvimento da entidade.



A Natureza do Tempo/Espaço

Quando você deixa o corpo físico, entra no que chamamos Tempo/Espaço⁴—a contraparte metafísica do espaço/tempo que você atualmente experiencia. Compreender este reino requer soltar algumas suposições tão profundamente embutidas em seu pensamento que você pode não reconhecê-las como suposições.

Em sua experiência atual do espaço/tempo, o espaço fornece a estrutura da realidade. Você pode mover-se livremente através do espaço—caminhando de um cômodo a outro, viajando de uma cidade à próxima. Mas você não pode mover-se livremente através do tempo. O tempo flui em uma direção a uma velocidade, carregando você junto quer você queira ou não. Você é, em certo sentido, imóvel no tempo enquanto é móvel no espaço.

No tempo/espaço, esta relação se inverte. O espaço se torna a dimensão fixa enquanto o tempo se torna fluido. A entidade está localizada em uma configuração particular, relativamente imóvel no espaço. Mas o tempo se abre. A entidade pode revisar experiências de qualquer ponto na encarnação, revisitando momentos, examinando-os de novos ângulos, compreendendo o que estava oculto durante o vivê-los. Passado, presente e futuro perdem sua rígida separação.

É por isso que muito pode ser realizado entre encarnações. No tempo/espaço há, como você entenderia, muito tempo. A revisão de uma encarnação não é apressada. A cura de feridas não é abreviada. O planejamento de experiências futuras pode ser completo e cuidadoso. O que pode parecer momentos no espaço/tempo pode corresponder a vastos períodos de processamento no tempo/espaço.

Suas experiências de sonhos oferecem um eco tênue deste reino. Nos sonhos, o tempo se comporta estranhamente. Você pode experienciar o que parece horas no que seu eu desperto sabe que foram minutos de sono. Você pode visitar o passado ou vislumbrar possíveis futuros. O estado de sonho representa uma entrada parcial e temporária no tempo/espaço, razão pela qual os sonhos podem ter tanta importância para aqueles que aprendem a prestar atenção neles.



A Revisão da Encarnação

Cada encarnação é um curso no Criador conhecendo a Si Mesmo. E como qualquer curso, inclui uma revisão—não um exame por alguma autoridade externa, mas uma revisitação completa do que foi aprendido e do que foi perdido. Esta revisão é parte integral do processo, tão essencial quanto as próprias experiências.

No tempo/espço, a entidade revisa e re-revisa os vieses e ensinamentos da encarnação anterior. Cada momento significativo pode ser revisitado. Cada escolha pode ser examinada não apenas de sua própria perspectiva, mas da perspectiva de todos os outros envolvidos. A dor que você causou se torna visível em todo seu impacto. O amor que você deu revela seu verdadeiro alcance. Nada está oculto. Nada é esquecido. O véu que separava sua mente consciente de seu conhecimento mais profundo se afina, e você começa a ver sua encarnação como realmente foi.

Esta revisão não é punição, embora possa ser humilhante. Não é julgamento, embora traga clareza. A entidade avalia seu próprio progresso, avaliando os vieses ganhos, as lições absorvidas, as oportunidades usadas ou desperdiçadas. Não há um ser externo que audite este curso. Cada porção do Criador revisa sua própria experiência, integrando o que foi vivido na densidade do esquecimento.

Esta compreensão oferece uma prática poderosa para os vivos. O buscador sábio não espera até a morte para revisar a encarnação. Uma prática diária de reflexão honesta—examinando as experiências do dia, notando os momentos de amor e os momentos de medo, observando sem julgamento os padrões que emergem—esta prática espelha o que ocorrerá após a morte. Permite que a integração aconteça continuamente em vez de se acumular para algum acerto de contas futuro.

Nenhuma porção do Criador audita o curso. Cada encarnação pretende ser um curso no Criador conhecendo a Si Mesmo. Uma revisão é uma porção integral do processo do Criador conhecendo a Si Mesmo.

• • •

O Processo de Cura

Onde houve dano, há necessidade de cura. Este princípio opera entre encarnações tão certamente quanto dentro delas. A entidade que experienciou trauma, que causou ou recebeu sofrimento, que acumulou distorções de dor e confusão—esta entidade requer cura antes de poder avançar claramente.

O corpo formador e o Eu Superior trabalham juntos para posicionar a entidade na configuração adequada para esta cura. Assim como um osso quebrado deve ser posicionado corretamente para sarar, as deslocções da consciência devem ser adequadamente arranjadas para que as energias de cura trabalhem efetivamente. A entidade é localizada, por assim dizer, em um lugar adequado às suas necessidades específicas.

O processo de cura penetra profundamente. Muito pode ser abordado no tempo/espço que não pode ser tocado durante a encarnação. A extrema fluidez dessas regiões permite que feridas sejam alcançadas que eram inacessíveis atrás do véu. Padrões de medo que persistiram através de vidas podem ser reconhecidos e liberados. Distorções que pareciam permanentes se revelam como temporárias e curáveis.

Às vezes, para entidades que experienciaram encarnações particularmente difíceis, uma espécie de descanso é providenciado. A entidade pode estar cercada por uma atmosfera que evoca os momentos mais felizes da vida anterior—um ambiente de cura onde segurança e paz predominam. Isto continua até que a entidade esteja forte o suficiente para enfrentar a revisão mais completa, para examinar mesmo as porções dolorosas do que foi experienciado.

A cura entre encarnações serve a múltiplos propósitos. Limpa distorções que de outra forma seriam carregadas adiante. Integra experiências que não puderam ser processadas durante a encarnação em si. Prepara a entidade para o que vem a seguir—seja outra encarnação ou avanço para uma densidade superior. Nada é desperdiçado. Cada experiência, processada adequadamente, se torna sabedoria. Cada ferida, curada adequadamente, se torna força.

. . .

Planejando a Próxima Encarnação

Uma vez que a cura e a revisão estão suficientemente completas, a atenção se volta para o que vem a seguir. Para entidades que ainda não se graduaram da Terceira Densidade⁵, isso tipicamente significa outra encarnação. O planejamento desta encarnação é mais deliberado e consciente do que a maioria imagina.

Entidades que desenvolveram consciência suficiente—aquelas cujo centro de energia de raio verde foi ativado—participam ativamente no planejamento de sua próxima vida. Escolhem seus pais, não por conforto ou facilidade, mas pelas oportunidades de aprendizado que esses pais proporcionarão. Selecionam as circunstâncias do nascimento, a cultura, a era, os desafios. Identificam as lições ainda a serem aprendidas e arranjam condições prováveis de trazer essas lições à tona.

Aproximadamente metade daqueles atualmente encarnando em seu planeta fazem essas escolhas conscientemente. A porção restante—aqueles ainda operando em estágios mais iniciais de desenvolvimento—são guiados por seres que servem como auxiliares no processo de encarnação. Estes seres, que você pode chamar de angélicos, trabalham sob os Guardiões para assegurar que mesmo aqueles que não podem escolher conscientemente sejam posicionados apropriadamente para seu aprendizado contínuo.

Há sabedoria nesta compreensão. Quando você percebe que suas circunstâncias foram escolhidas—que seus pais, seus desafios, suas próprias limitações foram selecionadas para propósitos de aprendizado—tudo muda. A infância difícil se torna não um infortúnio aleatório, mas um currículo escolhido. O impedimento físico se torna não destino cruel, mas catalisador aceito. Os relacionamentos que parecem causar mais dor se revelam como as próprias lições mais necessárias.

Isto não é sugerir que todo sofrimento deva ser passivamente aceito ou que a injustiça não deva ser desafiada. A escolha de circunstâncias não predetermina respostas. Mas reformula a relação fundamental com a experiência. Você não é uma vítima de eventos aleatórios. Você é um buscador que preparou o palco para seu próprio aprendizado.

. . .

O Risco de Planejar Demais

Com a liberdade total para escolher as circunstâncias de encarnação vem uma tentação particular. Algumas entidades, ansiosas por crescer, tentam aprender demais em uma única vida. Programam catalisadores tão intensos, lições tão exigentes, desafios tão numerosos que a encarnação se torna avassaladora.

Isto é análogo a um estudante se inscrevendo em mais cursos do que possivelmente podem ser absorvidos em um único período. A intenção é admirável—o desejo de crescer, de usar plenamente a preciosa oportunidade da encarnação. Mas a intensidade do catalisador pode desarranjar em vez de catalisar. A entidade se torna tão sobrecarregada pela dificuldade que a polarização se torna impossível. A experiência, embora rica em potencial, prova ser menos útil do que o pretendido.

Esta é uma desvantagem do Livre-Arbítrio⁶ total dado às entidades seniores ao escolher suas experiências de encarnação. Sem supervisão externa, algumas superestimam o que podem lidar. Esquecem, talvez, quão denso será o esquecimento, quão pesado o véu, quão desafiadoras mesmo dificuldades modestas se tornam quando experienciadas sem acesso ao conhecimento mais profundo.

Para aqueles atualmente encarnados, esta compreensão oferece perspectiva sobre circunstâncias avassaladoras. Se sua vida parece impossivelmente difícil, se você se sente esmagado sob o peso de seus desafios, isto pode refletir não crueldade cósmica, mas ambição pré-encarnativa. O eu que planejou esta vida acreditou que poderia lidar com o que o eu vivendo esta vida acha esmagador. Ambos são você. Compaixão por ambos é apropriada.

O remédio não é escapar das dificuldades escolhidas, mas trabalhar com elas tão habilmente quanto possível. Nem toda lição deve ser totalmente aprendida em cada encarnação. Progresso, não perfeição, é o objetivo. A entidade que aprende mesmo um pouco de circunstâncias avassaladoras não falhou. Simplesmente mordeu um pouco mais do que podia mastigar—um erro perdoável, nascido do entusiasmo.

. . .

Karma e Sua Resolução

Entre os fatores considerados no planejamento de encarnações está o que você chama de Karma⁷ —as ações não resolvidas de experiências anteriores. Karma é melhor compreendido não como punição, mas como inércia. Aquelas ações postas em movimento continuam usando as formas de equilíbrio até serem paradas por um princípio superior.

Este princípio superior é o perdão. No perdão reside a parada da roda da ação. Karma e perdão são conceitos inseparáveis—um é a continuação do momento, o outro é a aplicação de freios. Sem perdão, ações se perpetuam indefinidamente. Dano gera resposta, resposta gera contra-resposta, e a roda continua girando.

Apenas ações empreendidas de maneira conscientemente não amorosa geram karma. Acidentes não geram karma. Dano causado sem consciência não gera karma no sentido usual. Mas quando uma entidade conscientemente escolhe agir sem amor, quando deliberadamente prejudica outro para propósitos egoístas, então a roda começa a girar.

Entre encarnações, relacionamentos kármicos são frequentemente abordados. Uma entidade pode escolher encarnar com outra em relação à qual mantém desequilíbrio kármico, buscando a oportunidade de trazer o relacionamento à harmonia. Às vezes os papéis se invertem—aquele que causou dano escolhe circunstâncias onde pode receber tratamento similar, não como punição, mas como educação. Às vezes a abordagem é mais direta—buscando aquele que foi prejudicado e oferecendo amor equilibrado.

Para os vivos, a mensagem é clara: perdão não é meramente uma cortesia espiritual. É o mecanismo pelo qual o karma é liberado. Cada ato de perdão genuíno—seja perdoando outro ou a si mesmo—para alguma porção da roda. Cada agarrar-se a mágoa, cada alimentar de ressentimento, cada recusa de liberar o passado mantém a roda girando. A escolha de perdoar é a escolha de ser livre.

. . .

Guias e Auxiliares

Nenhuma entidade navega a jornada entre vidas sozinha. Há guias e auxiliares, seres que se especializam em assistir durante esta transição e ao longo do processo de planejamento. Compreender quem são estes seres ilumina tanto a experiência entre vidas quanto o apoio disponível durante a encarnação.

Para entidades que encarnam automaticamente—aquelas ainda não desenvolvidas o suficiente para planejar suas próprias experiências—há seres diretamente sob os Guardiões que assumem responsabilidade pelos padrões de encarnação. Você pode chamar estes seres de angélicos se preferir. São locais à sua esfera planetária, dedicados ao serviço de assegurar que cada entidade encarnante encontre circunstâncias apropriadas para seu aprendizado contínuo.

Para entidades com maior desenvolvimento, o Eu Superior⁸ assume um papel mais ativo. Este ser—que é você em um estágio futuro de desenvolvimento—oferece orientação e assistência no processo de planejamento. Sabe o que você aprendeu através de todas as encarnações. Vê o que resta a ser aprendido. Pode sugerir circunstâncias, relacionamentos, desafios mais prováveis de servir à sua evolução. Porém não pode impor. Seu livre arbítrio permanece primordial, mesmo no planejamento de encarnações.

Há também o que poderia ser chamado de senioridade de vibração. Entidades cheias de mais luz e amor naturalmente, sem supervisão, se encontram na fila para as experiências que precisam. É similar a colocar líquidos de diferentes densidades no mesmo copo—alguns naturalmente sobem ao topo, outros afundam ao fundo, cada um encontrando seu nível apropriado. À medida que a colheita se aproxima, os mais preparados naturalmente se movem em direção a experiências encarnativas que completarão seu aprendizado.

Estes mesmos guias e auxiliares permanecem disponíveis durante a encarnação, embora o véu obscureça a consciência deles. A intuição repentina, o sonho que carrega uma mensagem, a sincronicidade que parece significativa demais para ser coincidência—estes podem ser toques daqueles que guiam. O véu torna a comunicação explícita impossível, mas a conexão permanece. Você não está sozinho, seja no corpo ou entre corpos.

. . .

Por Que Não Lembramos

Uma pergunta surge naturalmente: se planejamos nossas encarnações, se temos guias e auxiliares, se revisamos e curamos entre vidas—por que não lembramos nada disso? Por que o véu nos separa tão completamente deste vasto contexto?

O esquecimento não é acidente nem erro. É o próprio mecanismo que faz a terceira densidade funcionar como pretendido. Sem esquecimento, sem o véu de separação, as escolhas da terceira densidade perderiam seu poder. Se você pudesse ver claramente que todos os seres são um, que cada ação em direção a outro é uma ação em direção a si mesmo, onde estaria o desafio? Onde estaria a escolha genuína?

O véu cria as condições para decisão autêntica. Na escuridão do não saber, dependendo da fé em vez da visão, a entidade deve escolher como amar. Esta escolha, feita sem certeza, carrega um peso que não pode ser replicado em densidades posteriores onde mais é conhecido. Sua terceira densidade é um vale de decisão, e o esquecimento é o que torna essa decisão real.

Quando o esquecimento ocorreu, todas as experiências se tornam exponencialmente mais poderosas. Comparada à existência em densidades posteriores, sua experiência atual é vívida e intensa além da imaginação. A dor é mais dolorosa. A alegria é mais alegre. O amor é mais comovente por sua fragilidade e incerteza. Esta intensidade serve à evolução. Catalisa crescimento de formas que experiências mais suaves não podem.

Além disso, lembrar demais poderia provar ser mais fardo que bênção. Os detalhes de vidas passadas, as especificidades de trauma e triunfo através de encarnações—estes não são necessários para o trabalho em mãos. O que importa pode ser sentido em níveis mais profundos de consciência sem atravancar a mente consciente. A entidade frequentemente sabe, em algum nível abaixo da consciência, exatamente o que precisa saber. Mais memória explícita poderia distrair das lições do presente.

Este é o único plano do esquecimento. É necessário para a entidade de terceira densidade esquecer para que os mecanismos de confusão, ou livre arbítrio, possam operar sobre a consciência recém-individuada.

A Continuidade do Ser

A morte, então, não é um fim, mas uma porta. A consciência que você é continua—revisando o que passou, curando o que precisa de cura, preparando-se para o que vem a seguir. O ser persiste, cresce, evolui através de encarnações que podem abranger milhares de seus anos. O que parece uma única vida é meramente um capítulo em uma história muito mais longa.

Esta perspectiva não diminui o presente. Se algo, ela o realça. Cada momento na encarnação carrega peso precisamente porque contribui para esta jornada maior. As escolhas feitas aqui, na densidade do esquecimento, moldam o que você está se tornando. O amor que você aprende a dar, as lições que você consegue absorver, o crescimento que você alcança contra o arrasto da incerteza—tudo isso viaja com você.

Agora exploramos os mecanismos da transição—o que acontece quando esta encarnação termina e outra começa. Mas há mais a compreender sobre como a consciência funciona durante a encarnação em si. Os centros de energia que animam sua experiência, os catalisadores que impulsionam seu crescimento, a orientação que alcança através do véu—estes são os mecanismos da evolução espiritual que examinaremos a seguir.

A jornada continua. Através da morte e além dela, através do planejamento e do esquecimento, através do aprendizado e da cura, a centelha de consciência que é você se move sempre adiante—em direção à luz de onde veio, em direção à unidade que um dia lembrará, em direção ao amor que aguarda em cada limiar e em cada lado.

Notas

- 1 Véu do Esquecimento:** A condição na terceira densidade onde a consciência esquece suas origens cósmicas, vidas passadas e a unidade de todas as coisas. O véu torna as escolhas significativas—sem ele, a escolha entre polaridades seria óbvia e careceria de poder transformador. Ele aguça a experiência a um grau além da imaginação.
- 2 Corpo Formador:** O corpo de raio índigo, também chamado corpo etérico. É o primeiro corpo a se ativar após a morte. Este corpo é um análogo da energia inteligente em si—capaz de moldar a forma de acordo com a consciência. O corpo formador e o Eu Superior trabalham juntos para posicionar a entidade na configuração adequada para a cura entre encarnações.
- 3 Densidades:** Níveis ou "graus" de consciência e vibração. **Não são lugares físicos**, mas estados de ser. Há 7 densidades principais (mais uma oitava). Pense nelas como "séries" na escola cósmica de evolução. A humanidade está na **terceira densidade**, caracterizada pela autoconsciência e a capacidade de escolher.
- 4 Tempo/Espaço:** A contraparte metafísica do espaço/tempo. No tempo/espaço, o espaço é fixo enquanto o tempo se torna fluido. Entre encarnações, as entidades existem no tempo/espaço onde podem revisar experiências de qualquer ponto, revisitando momentos e compreendendo o que estava oculto durante a vida. Os sonhos oferecem um eco ténue deste reino, onde o tempo se comporta estranhamente e o passado ou futuro podem ser vislumbrados.
- 5 Terceira Densidade:** A densidade da autoconsciência e da escolha. O raio amarelo. Aqui a entidade torna-se consciente de si mesma como um ser separado, capaz de refletir sobre sua própria existência. Esta é a densidade onde se faz a **escolha** fundamental: serviço aos outros ou serviço a si mesmo. A humanidade atual está na terceira densidade, experienciando o véu do esquecimento que torna a escolha significativa.
- 6 Livre-Arbítrio:** A Primeira Distorção do Infinito. A capacidade fundamental de escolher, focar, criar. Sem ele, nem a criação nem a experiência poderiam existir. O princípio que permite a exploração infinita de possibilidades.
- 7 Karma:** As consequências de ações que devem ser equilibradas. Não é punição, mas uma lei natural de causa e efeito operando através de encarnações. As entidades podem escolher aliviar o karma através de experiências específicas ou formas de serviço. As entidades de Maldek escolheram a encarnação em segunda densidade como alívio cármico.
- 8 Eu Superior:** O eu em um ponto do futuro que alcançou evolução suficiente para funcionar como guia do eu encarnado. Na sexta densidade, a entidade se funde com seu eu superior, completando um circuito de consciência através do tempo. Antes do véu, o eu superior estava abertamente junto à entidade encarnada. Depois do véu, deve esperar ser convidado.